

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA



1 ESPÍRITA E ESPIRITISMO

Para designar coisas novas, são necessárias palavras novas. A clareza de uma língua assim exige, a fim de evitar que uma mesma palavra tenha vários significados. As palavras **Espiritualismo**, **Espiritualista** e **Espiritual** possuem significados bem definidos, e acrescentar a essas palavras um novo significado, para aplicá-las a Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar ainda mais os casos, já tão numerosos, de palavras que possuem vários significados.

De fato, o Espiritualismo é o oposto do Materialismo, e qualquer um que acredite ter em si mesmo algo além da matéria é Espiritualista. Entretanto, isso não significa que tenha que acreditar na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o Mundo Material.

No lugar das palavras *espiritual* e *espiritualismo* empregamos, para designar a nova crença, as palavras ESPÍRITA e ESPIRITISMO, que por lembrarem as anteriores, ficam perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra *espiritualismo* o sentido que lhe é próprio. Assim, a Doutrina Espírita – ou o Espiritismo – tem por princípio as relações do Mundo Material com os **Espíritos**, que são os seres do Mundo Invisível. Os seguidores do ESPIRITISMO serão os ESPÍRITAS.

De uma maneira específica, “O Livro dos Espíritos” contém a Doutrina Espírita; de uma maneira geral, menos específica, ele se reporta à Doutrina Espiritualista, porque esta doutrina também admite a existência dos Espíritos. Esta é a razão pela qual “O Livro dos Espíritos” traz, em seu início, antes do título, a referência “Filosofia Espiritualista”.

Observações

Espiritualismo: É a doutrina filosófica que admite a existência do Espírito como realidade fundamental. Entende que o Espírito encontra-se num grau superior à matéria, e que a sua origem antecede a própria matéria.

Espiritualista: É todo aquele que acredita possuir em si, algo mais do que o corpo físico, ao qual dá o nome de alma, espírito, essência etc. Mas isso não significa que ele seja espírita. Em contrapartida, todo o espírita é espiritualista.

Espiritual: É tudo o que é relativo ao Espírito, ou seja, não possui corpo físico, não é material.

Espíritos: O termo **Espírito** tem a sua origem no latim *spiritus*, significando "respiração" ou "sopro"; também pode se referir a "alma", "coragem", "vigor".

2

ALMA – PRINCÍPIO VITAL – FLUIDO VITAL

A palavra ALMA, sobre a qual é necessário que todos se entendam, tem sido objeto de muita controvérsia por falta de um significado que a defina com precisão. A alma é a base, é o ponto de partida de toda doutrina moral. As divergências de opiniões sobre a natureza da alma provêm do significado particular que cada um dá a essa palavra. Um idioma perfeito, em que cada ideia fosse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões.

Os três significados para a palavra alma podem ser assim apresentados, segundo três entendimentos distintos:

PRIMEIRO: A alma é o princípio da vida material orgânica, não tem existência própria e extingue-se com a vida: é o materialismo puro. Utilizando-se esse significado para a palavra alma, é que se diz que um instrumento rachado, que não produz mais som, não possui alma. De acordo com essa opinião, a alma seria um efeito (uma consequência) e não uma causa.

SEGUNDO: A alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma determinada parcela. De acordo com esse significado, haveria no Universo apenas uma “única alma”, que distribuiria suas centelhas entre os diversos seres inteligentes, durante suas vidas.

Após a morte, cada centelha retornaria à fonte comum, onde se misturaria com o todo, assim como os rios que voltam para o mar. Este significado é diferente do anterior, pois nessa hipótese existe em nós algo além da matéria e resta alguma coisa após a morte.

Mas é quase como se nada restasse, pois a alma, ao retornar para o todo de onde veio, perderia a sua individualidade e, assim, não teríamos mais a consciência de nós mesmos.

De acordo com esse significado, a *alma universal* seria Deus, e cada ser uma pequena parcela da Divindade: é uma variante da **Doutrina Panteísta**.

TERCEIRO: A alma é um ser moral que não se confunde com outro. É independente da matéria e conserva a sua individualidade após a morte do corpo físico. Este conceito é o mais aceito, pois a ideia de um “ser” que sobrevive ao corpo é uma crença instintiva e não é fruto de nenhum ensinamento. Essa ideia está no íntimo de todos os povos, qualquer que seja o grau de sua civilização. Esse ensinamento, segundo o qual a alma é a causa e não a consequência, é o dos Espiritualistas.

Sem entrar no mérito dos três significados, e considerando apenas o aspecto linguístico da questão, pode-se dizer que a palavra alma corresponde a três ideias distintas; assim, para um melhor entendimento, cada ideia precisaria de uma palavra específica.

Portanto, a palavra alma possui três significados, e cada pessoa, olhando do seu ponto de vista, pode defini-la como quiser. A dificuldade está no idioma que dispõe de apenas uma palavra para exprimir três ideias distintas. A fim de evitar qualquer equívoco, o correto seria atribuir ao significado da palavra alma uma dessas três ideias. A escolha é indiferente, desde que todos se entendam, pois tudo não passa de uma questão de convenção.

Preferimos usar o terceiro significado por ser o mais comum e por nos parecer o mais lógico, ou seja: a “alma é o ser imaterial e individual que reside em nós e continua existindo após a morte do corpo físico”. Mesmo que esse “ser imaterial e individual” não existisse, fosse apenas um produto da imaginação, ainda assim, seria preciso uma palavra para designá-lo.

Na ausência de uma palavra específica para cada uma das outras duas ideias, ao que corresponde à palavra alma, chamaremos de:

PRINCÍPIO VITAL é o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua origem, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital é um elemento distinto e independente, uma vez que pode existir vida sem a faculdade de pensar. A palavra “vitalidade” não daria a mesma ideia que nos dá o Princípio Vital.

Para uns, o Princípio Vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em determinadas circunstâncias. Para outros, e esta é a ideia mais comum, o Princípio Vital se encontra num “fluido especial”, espalhado por todo o Universo, e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, assim como vemos os corpos inertes absorverem a luz.

Este seria, então, o “fluido vital” que, na opinião de alguns, é o mesmo “fluido elétrico animalizado”, também conhecido por “fluido magnético”, “fluido nervoso”, etc.

Seja como for, existem fatos que ninguém pode contestar, uma vez que eles resultam da observação:

PRIMEIRO: Os seres orgânicos possuem em si uma força interior que produz o fenômeno da vida e, enquanto essa força existir, a vida também continuará existindo.

SEGUNDO: A vida material é comum a todos os seres orgânicos e não depende da inteligência e nem do pensamento.

TERCEIRO: A inteligência e o pensamento são faculdades próprias de algumas espécies orgânicas.

QUARTO: Entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, existe uma dotada, também, de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as demais: é a Espécie Humana.

Observem que a ideia de que existe uma alma não é excluída da Teoria Materialista e nem da Teoria Panteísta, mesmo ela possuindo vários significados. O próprio “Espiritualista” pode muito bem entender a alma segundo um dos dois primeiros significados, sem prejudicar o entendimento que possui do ser imaterial e individual, ao qual ela, a Doutrina Espiritualista, dará um nome qualquer.

Assim, a palavra alma não representa uma opinião, uma ideia única, ela é um “ente” que cada um compreende como quiser. Essa é a razão de tantas disputas intermináveis.

Mesmo usando a palavra alma para designar três ideias diferentes, a confusão também seria evitada se acrescentássemos a essa palavra um qualificativo que especificasse o ponto de vista sob o qual ela está sendo utilizada.

Desse modo, o termo alma teria um caráter genérico que representaria, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, o princípio da inteligência e o princípio do senso moral. Esses três princípios seriam identificados mediante um atributo, assim como se faz com os gases, por exemplo. O termo genérico “gás” é diferenciado acrescentando-se a ele as palavras hidrogênio, oxigênio ou **azoto**.

Então, poderíamos dizer:

ALMA VITAL: Indicando o princípio da vida material; seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens.

ALMA INTELECTUAL: Indicando o princípio da inteligência, que se expressa enquanto existe vida; seria própria dos animais e dos homens.

ALMA ESPÍRITA: Indicando a nossa individualidade após a morte do corpo físico e pertenceria somente aos homens.

Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas é uma questão muito importante quando se trata de nos entendermos.

Julgamos que é um dever insistir nestas explicações porque a Doutrina Espírita está alicerçada sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive à morte do corpo físico. Como a palavra alma aparecerá frequentemente no decorrer desta obra, foi necessário definir bem o significado que lhe atribuímos, a fim de evitar qualquer engano.

Vamos, agora, ao objeto principal desta instrução preliminar.

Observações

Doutrina Panteísta: Acredita ser Deus o próprio Universo, pelo qual o indivíduo, após a sua morte, seria absorvido por esse mesmo Universo. (do grego “pan” que significa “tudo”, e “theus” que significa “Deus”).

Azoto: Na época de Kardec o gás Nitrogênio era mais conhecido por Azoto. O nitrogênio é um gás tão inerte, que Lavoisier se referia a ele como azote (ázoe), que é uma palavra francesa que significa: “impróprio para manter a vida”.

3

AS MESAS GIRANTES E OS OPOSITORES DA DOCTRINA ESPÍRITA

A Doutrina Espírita, como tudo que constitui novidade, possui seus adeptos e seus opositores. Vamos tentar responder a algumas das objeções que os opositores da nova Doutrina lhe fazem, examinando se existe algum fundamento nessas objeções.

Não temos a pretensão de convencer a todos, porque existem muitos que acreditam que a luz foi feita exclusivamente para eles. Nosso alvo são as criaturas de boa-fé que desejam se instruir, e não aqueles que já possuem ideias pré-concebidas ou definitivamente firmadas contra tudo e contra todos.

Demonstraremos que a maior parte das objeções que fazem à Doutrina tem a sua origem na observação incompleta dos fatos e num julgamento feito com muita leviandade e precipitação.

Recordemos, inicialmente, em ordem cronológica, a série dos fenômenos que deram origem à Doutrina Espírita.

O primeiro fato observado foi o da movimentação de diversos objetos. Esses objetos ficaram popularmente conhecidos com o nome de “mesas girantes” ou “dança das mesas”. Este fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente nos Estados Unidos, ou melhor, que se repetiu nesse país, já que era conhecido na mais remota Antiguidade, conforme a História nos mostra. A manifestação se reproduziu acompanhada de circunstâncias estranhas, tais como ruídos esquisitos e pancadas sem causa aparente ou conhecida.

Da América, ele se propagou rapidamente pela Europa e por outras partes do mundo. A princípio, muitos não acreditaram, mas depois, com a repetição das experiências, não se pôde mais duvidar da sua realidade.

Se tal fenômeno tivesse ficado limitado apenas ao movimento dos objetos materiais, poderia ser explicado por uma causa puramente Física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza, ou todas as propriedades daqueles agentes que já conhecemos. Aliás, a eletricidade oferece, diariamente, novos recursos que facilitam a vida do homem, e parece destinada a dar à Ciência novas possibilidades no campo do conhecimento.

Portanto, não seria impossível que a eletricidade, modificada por algum fator, ou por qualquer outro agente desconhecido, pudesse ser a causa dos movimentos observados. A reunião de muitas pessoas em volta das mesas, aumentando o poder de ação, parecia apoiar essa teoria. Assim, era possível considerar o conjunto dos assistentes como sendo uma pilha múltipla, cuja maior ou menor potência estava na razão direta do número de participantes.

O movimento circular da mesa não apresentava nada de extraordinário, pois ele faz parte da própria Natureza. Todos os astros se movem de forma circular; desse modo, poderíamos ter, ali, em escala menor, um reflexo do movimento geral do Universo, ou melhor, uma causa até então desconhecida, produzindo, acidentalmente, com pequenos objetos e em determinadas circunstâncias, uma força semelhante a que faz girar os mundos.

Mas o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco, desordenado; outras vezes, a mesa era violentamente sacudida, derrubada, levada numa direção qualquer.

Contrariando todas as **Leis da Estática**, às vezes, a mesa era levantada e mantida em suspensão no espaço, sem nenhum ponto de apoio. Nada

havia, ainda, nesses fatos que não pudesse ser explicado pela ação de um agente Físico invisível. Não se vê a eletricidade, através dos raios, derrubar edifícios, arrancar árvores pela raiz, atirar longe os objetos mais pesados, atrair ou repelir corpos?

Supondo que os ruídos incomuns e as pancadas não fossem devidos à dilatação normal da madeira, poderiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: a eletricidade, através dos trovões, não produz os ruídos mais violentos?

Até aqui, como se observa, tudo poderia estar contido no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse círculo de ideias, as mesas girantes, por si só, já seriam motivo para um estudo digno e sério por parte dos Cientistas.

Mas, por que isto não aconteceu? É lamentável dizer, mas, nesse caso, como em tantos outros semelhantes, isso se deveu à leviandade do espírito humano. A indiferença dos intelectuais foi motivada, sobretudo, porque o objeto principal das experiências era uma simples mesa. Muitas vezes, uma palavra dita por alguém de reconhecida autoridade intelectual e moral tem uma influência muito grande sobre situações sérias e graves!

O movimento poderia ter sido transmitido a um objeto qualquer, mas a ideia das mesas prevaleceu; primeiro, por sua comodidade; segundo, porque, além de serem mais cômodas, ao redor delas, as pessoas sentam-se com maior naturalidade.

Às vezes, aqueles que se julgam superiores são tão infantis, que não seria impossível que tenham considerado deprimente ocuparem-se com o que se convencionou chamar de “A dança das mesas”.

É bem provável que se o fenômeno observado por **Galvani** – a geração de eletricidade em coxas de rãs dissecadas – fosse observado por pessoas comuns, talvez tivesse sido relegado ao terreno da brincadeira da varinha mágica. De fato, qual o Cientista que não teria julgado uma indignidade ocupar-se com o que ficou conhecido como “A dança das rãs”?

Os Cientistas modestos, que se dispuseram a observar as “mesas girantes”, acreditando que a Natureza poderia não ter lhes dado a última palavra, quiseram ver, para tranquilizar as suas consciências, e concluíram por negar o fenômeno. Isso ocorreu porque a manifestação nem sempre lhes correspondeu às expectativas e, também, pelo fato de não se reproduzir constantemente, conforme suas vontades e de acordo com o seu modo de experimentação.

Apesar da negativa, as mesas continuaram a girar, e, assim como **Galileu**, também podemos dizer: “E, contudo, elas se movem!”. Os fatos se

multiplicaram de tal maneira que hoje pertencem ao domínio público, e é preciso apenas encontrar para eles uma explicação racional.

Seria possível negar a realidade de um fenômeno pelo fato dele não se reproduzir de um modo sempre idêntico, de acordo com a vontade e as exigências do observador? Os Fenômenos da Eletricidade e da Química também não estão subordinados a certas condições? É correto negá-los porque não se reproduzem fora dessas condições?

Portanto, o que pode haver de estranho no fato de que o fenômeno do movimento dos objetos, pelo fluido humano, também precise de determinadas condições para se realizar? O observador não pode querer que o fenômeno se realize segundo a sua vontade ou que obedeça tão somente a Leis já conhecidas.

Será que ele não deve considerar que para fatos novos pode e deve haver novas Leis? Para conhecer essas novas Leis, é preciso estudar as circunstâncias em que os fatos se produzem, e esse estudo só pode ser resultado de uma observação perseverante, atenta e, às vezes, muito longa.

Algumas pessoas alegam que existem fraudes evidentes. Em primeiro lugar, precisamos estar certos de que essas pessoas não tomaram por fraudes os efeitos que não conseguiram explicar – mais ou menos como o camponês que confundiu um eminente professor de Física, que fazia experiências, com um mágico habilidoso.

Admitindo-se que a fraude tenha ocorrido algumas vezes, seria isso motivo para negar o fato? Deveríamos negar a Física porque existem Ilusionistas e Mágicos que dão a si mesmos o título de Físicos? Aliás, é preciso levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que possam ter em enganar. Seria tudo isso uma simples brincadeira?

Até pode-se aceitar que uma pessoa se divirta por um tempo, mas uma brincadeira prolongada indefinidamente seria cansativa tanto para quem a faz, quanto para quem a assiste.

As “mesas girantes” não parecem estar enquadradas na categoria de uma brincadeira e muito menos de uma mistificação, uma vez que elas se propagaram pelo mundo inteiro, sempre entre as pessoas mais sérias, mais honradas e mais esclarecidas. Deveria haver, então, alguma coisa tão extraordinária quanto o próprio fenômeno.

Observações

Estática: É o ramo da Física que estuda o equilíbrio dos corpos quando submetidos à ação de forças.

Luigi Galvani: Médico e Físico italiano (1737 a 1798). A partir de estudos realizados em coxas de rãs dissecadas, descobriu que músculos e células nervosas

eram capazes de produzir eletricidade; essa eletricidade ficou conhecida como “eletricidade galvânica”.

Mais tarde, Galvani demonstrou que essa eletricidade era originada por reações Químicas. Seus estudos contribuíram para o conhecimento do “fluido nervoso” e, posteriormente, para a descoberta da “pilha elétrica”.

Galileu Galilei: Físico, Matemático e Astrônomo italiano (1564 a 1642). Foi o primeiro a contestar as afirmações de Aristóteles, ao afirmar que a Terra não era o centro do Universo, mas sim o Sol. Por essa afirmação, foi acusado de herege.

Em 1633 foi obrigado a retratar-se diante dos tribunais da inquisição e negar que a Terra se movia ao redor do Sol. Foi nessa ocasião que teria murmurado a célebre frase: *E pur si muove* – “E, no entanto, ela se move”.

4

AS MESAS GIRANTES E AS MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

Se os fenômenos que observamos tivessem ficado restritos ao movimento dos objetos, teriam permanecido no domínio das Ciências Físicas. Mas não foi isso o que ocorreu: as manifestações nos colocaram no caminho de fatos incomuns e especiais.

Foi descoberto, não sabemos ao certo por iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma “força mecânica cega”, mas que havia, nesse movimento, a intervenção de uma “causa inteligente”. Essa descoberta abriu um campo totalmente novo para observações. Era o véu que se levantava sobre muitos mistérios.

A questão era a seguinte: será que existe mesmo nessas manifestações uma força inteligente? Se essa força existe, o que ela realmente é? Qual a sua natureza? Qual a sua origem? Está acima da Humanidade? Todas essas questões decorrem da primeira: “será que existe uma força inteligente”?

As primeiras manifestações inteligentes que se produziram foram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de batidas, respondendo, desse modo, sim ou não a uma pergunta feita (por convenção, usava-se uma batida para “sim” e duas para “não”).

Até esse ponto, os descrentes podiam dizer que se tratava de uma simples coincidência. Posteriormente, foram conseguidas respostas com frases mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto.

Para cada letra do alfabeto foi atribuído um número determinado de batidas. Assim, eram formuladas frases que respondiam as perguntas

propostas. A precisão das respostas e sua correlação com as perguntas causaram espanto. “O ser misterioso que dava as respostas, interrogado sobre a sua natureza, declarou ser um ESPÍRITO, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito”.

Existe aqui um fato muito importante que convém ressaltar: ninguém havia pensado em “Espíritos” como um meio de explicar o fenômeno. Foi o próprio fenômeno que revelou a palavra “Espírito”. Muitas vezes, nas Ciências Exatas, se formulam hipóteses para se ter uma base de raciocínio, mas isso não ocorreu nesse caso.

O meio de comunicação através das mesas era demorado e incômodo. “Foi o próprio Espírito que indicou um meio mais fácil”. Solicitou que se adaptasse um lápis na extremidade de um pequeno cesto e colocasse o mesmo sobre uma folha de papel.

O cesto foi posto em movimento pela mesma força oculta que fazia girar as mesas; mas, ao invés de um simples movimento regular, o lápis traçou, “por si mesmo”, letras que formavam palavras, frases e textos contendo várias páginas, abordando as mais altas questões de Filosofia, de Moral, de **Metafísica**, de Psicologia, etc., e com tanta rapidez como se estivesse escrevendo com a mão.

Esse conselho foi dado, simultaneamente, nos Estados Unidos da América, na França e em diversos países. Eis os termos que foram utilizados em Paris, no dia 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina Espírita e que, há muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vai buscar, no quarto ao lado, a cestinha; prende nela um lápis; coloca-a sobre uma folha de papel e põe teus dedos sobre a borda da cesta”. Alguns instantes após, a cesta começou a se mover e o lápis escreveu, de forma bem legível, esta frase: “proíbo-o expressamente de transmitir a quem quer que seja o que acabo de dizer. Da próxima vez que escrever, escreverei melhor”.

A natureza e a forma do objeto ao qual o lápis era amarrado não tinham a menor importância; por isso, muitas pessoas se utilizaram de uma prancheta pequena, por ser esta muito mais cômoda.

A cesta ou a prancheta só podem ser postas em movimento sob a influência de um médium. Os médiuns são pessoas dotadas de uma força especial e que conseguem fazer a intermediação entre os Espíritos e os homens.

As condições que originam esta força especial são resultantes de causas, ao mesmo tempo, físicas e morais ainda desconhecidas, pois encontramos médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de

desenvolvimento intelectual. A mediunidade é uma **faculdade** que pode ser aprimorada, ou melhor, pode ser desenvolvida pelo exercício.

Observações

Metafísica: Parte da filosofia que estuda a “essência” das coisas e dos seres; suas causas primárias; é um conhecimento geral e abstrato.

Faculdade: Esta palavra aparecerá várias vezes nesta obra e pode também ser entendida como: uma capacidade, uma aptidão, um dom natural.

5

O SURGIMENTO DA PSICOGRAFIA

Mais tarde, o médium percebeu que, para escrever, podia pegar o lápis diretamente com a própria mão, sem a necessidade da cesta ou da prancheta. Assim, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas.

Hoje, este é o meio mais empregado, visto que o número de pessoas dotadas dessa aptidão é muito grande e cresce todos os dias. Com o tempo, a experiência nos mostrou muitas outras variedades da faculdade mediúnica; constatou-se que as comunicações podiam ser transmitidas pela fala, pela audição, pela visão, pelo tato e até mesmo pela escrita direta dos Espíritos, sem a interferência da mão do médium nem do lápis.

Obtida a comunicação, havia um ponto essencial a ser considerado: a participação do médium nas respostas, através de sua influência mecânica e moral. Graças a uma observação atenta, dois aspectos importantes tornaram possível resolver essa questão.

O PRIMEIRO aspecto foi observar de que modo a cesta se movia sob a influência do médium, que colocava apenas a ponta dos dedos sobre a borda da cesta, demonstrando ser impossível impor a ela qualquer direção.

Essa impossibilidade torna-se mais evidente quando duas ou três pessoas colocam, ao mesmo tempo, a ponta dos dedos nas bordas de uma mesma cesta. Para que houvesse a influência das três pessoas sobre o movimento da cesta, seria preciso uma concordância verdadeiramente fenomenal entre elas.

Além disso, seria preciso também uma concordância de pensamentos muito grande para que pudessem se entender quanto à resposta a ser dada à questão formulada.

Outro fato que comprova a não influência do médium sobre o que está sendo escrito é a mudança radical de caligrafia, de acordo com o Espírito que se manifesta.

Como cada Espírito possui uma caligrafia própria, o médium precisaria lembrar qual Espírito está escrevendo para mudar sua escrita e lhe imitar a caligrafia, o que, obviamente, é inviável.

O SEGUNDO aspecto resulta da própria “natureza das respostas” que, quando tratam de questões científicas ou de difícil compreensão, coloca-se além do alcance intelectual do médium que, muitas vezes, não tem consciência daquilo que escreve sob a influência do Espírito.

Com frequência, o médium não ouve ou não compreende a questão proposta, uma vez que a pergunta pode ser feita mentalmente ou num idioma que o médium não conhece, e a resposta pode ser dada por escrito ou no idioma em que a pergunta foi formulada.

Muitas vezes, a cesta escreve espontaneamente, sem que ninguém tenha perguntado nada, sobre um assunto qualquer e inteiramente inesperado.

Em alguns casos, as respostas revelam muita sabedoria, profundidade e um alto senso de oportunidade; contêm pensamentos tão elevados e sublimes que só podem vir de uma Inteligência Superior, impregnada da mais pura moralidade.

Outras vezes, as respostas são tão levianas e vulgares que o bom senso recusa acreditar que procedam da mesma fonte. Somente a diversidade das inteligências que se manifestam pode explicar respostas tão diferentes. Esta obra explicará, de maneira bem clara, se essas inteligências encontram-se na Humanidade ou fora dela. E serão os próprios Espíritos que virão nos esclarecer.

Portanto, temos aqui fenômenos evidentes e incontestáveis, que ocorrem fora do círculo habitual de nossas observações. Porém, não ocorrem de modo misterioso, ao contrário, produzem-se à luz do dia e todos podem ver e constatar.

Esses fenômenos não são privilégio de apenas um indivíduo, visto que milhares de pessoas os repetem à vontade, todos os dias. Assim, eles saem do domínio puramente Físico, pois revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade.

Muitas teorias foram formuladas a respeito dessas manifestações. Vamos examiná-las em breve e veremos se explicam todos os fatos que foram produzidos. Por enquanto, vamos apenas admitir a existência de seres diferentes dos humanos, pois que esta é a explicação dada pelas inteligências que se manifestam, e vejamos o que eles nos dizem.